

# O Senador *Lucius Marius Vegetinus Marcianus Minicianus Myrtilianus* e família

Recebido: 4 de Novembro de 2024 / Aprovado: 29 de Novembro de 2024

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_10\\_5](https://doi.org/10.14195/2182-844X_10_5)

**Manuela Alves-Dias<sup>1</sup>**

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

## RESUMO

Conhecemos *L(ucius) Marius L(ucii) f(ilius) Vegetinus Marcianus Minicianus Gal(eria) Myrtilianus*, dois filhos seus, *Maria Rufina* e *L. Marius Vegetinus Lucanus Tiberenus*, assim como o nome de sua mulher, *Claudia Artemidora*. Atualmente os autores são unânimes quanto à sua origem Hispânica, e mais recentemente foi-lhe reconhecida Mértola como a sua cidade de origem. Mas as opiniões divergem quanto à proveniência da família de sua mulher, nomeadamente de *Claudius Artemidorus*, que tem sido confundido com o seu homónimo, senador de Éfeso. Neste texto propomos uma origem Lusitânica para o pai de *Claudia Artemidora*, bem como para os familiares próximos de seu marido, diretamente ligados à colónia de *Pax Iulia*.

## ABSTRACT

The Senator *L(ucius) Marius L(ucii) f(ilius) Vegetinus Marcianus Minicianus Gal(eria) Myrtilianus*, two of his children, *Maria Rufina* and *L. Marius Vegetinus Lucanus Tiberenus*, as well as the name of his wife, *Claudia Artemidora*, have been known for a long time. Currently, the authors are unanimous regarding his Hispanic origin, and more recently Mértola was recognized as his city of origin. But opinions differ as to the origin of his wife's family, namely *Claudius Artemidorus*, who has been mistaken with his namesake, the senator of Ephesus. In this text we propose a Lusitanian origin for *Claudia Artemidora's* father, as well as for her husband's close relatives, directly linked to the colony of *Pax Iulia*.

---

1 ORCID iD: 0000-0002-5706-5521; [manuelalvesdias@gmail.com](mailto:manuelalvesdias@gmail.com)

Conhecemos *L(ucius) Marius L(ucii) f(ilius) Vegetinus Marcianus Minicianus Gal(eria) Myrtilianus* através de quatro inscrições, duas honoríficas que lhe são dedicadas (CIL VI 1455 e CIL VI 1456) e duas funerárias que referem dois filhos seus *Maria Rufina* (CIL VI 1457) e *L. Marius Vegetinus Lucanus Tiberenus* (CIL VI 1458) assim como o nome de sua mulher, todas elas provenientes de Roma. Destas quatro inscrições conserva-se apenas uma, a de Maria Rufina, que está completa e se guarda atualmente no Museu do Louvre (Tabela 1).

PIR<sup>2</sup>, V, 323, atribuía ao senador uma origem Hispânica, sugestão que se baseia em grande parte na sua pertença à tribo *Galeria*, e que tem sido seguido pela maioria dos investigadores.

Em 1982 Bonneville admitia que a origem próxima deste senador está em Mértola<sup>2</sup>, o que torna o nome *Myrtilianus* um cognome de origem geográfica.

*Caballos Rufino* sugere-lhe uma longínqua origem no vale do Ebro<sup>3</sup>, sem, no entanto, afastar categoricamente a possibilidade da origem Lusitânica já proposta por Bonneville em 1982. Neste mesmo texto, associa a *L. Marius Vegetinus*

<p>CIL VI 01457 (EDR 110754) Conservada no Museu do Louvre.</p> <p>D(is) M(anibus) s(acrum) M(ariae) R(ufinae) c(larissimae) p(uellae) L(ucius) M(arius) V(eg)etinus 5 M(arcianus) M(inicia) = n(us), c(larissimus) i(uvenis), p(ater) f(ecit); vixit menses IIII, dies VII.</p>	<p>CIL VI 01458 (EDR 110755) Desaparecida.</p> <p>D(is) M(anibus). L(ucio) M(ario) V(eg) = tino L(ucano) Tibereno, c(larissimo) p(uero), 5 q(ui) vixit m(ensibus) sex, d(iebus) XXI, f(ilio) d(ulcissi)= mo V(eg)etinus 10 p(ater) et C(laudia) A(r)= temidora, c(larissima) f(emina), p(arentes)</p>
<p>CIL VI 1456 (EDR 100471) Completa, encontrada no Quirinal, e hoje desaparecida.</p> <p>L(ucio) M(ario) L(uci) f(ilio) G(al)er(ia) V(eg)etino M(arciano) M(in)ic(ianus) c(ianus), c(ons)u(li), c(larissimo) v(iro), 5 p(raet)or(i), l(eg)at(ato) p(rovin)= ciae B(aetic)ae, l(eg)at(ato) l(eg)at(ionis) XXII P(rimig)en(ia)e, p(raef)ecto f(rum)ent(i) d(andi), t(rib)u(n)o p(leb)is, q(uaest)or(i) u(rb)ano), 10 t(ri)u(m)vir(o) k(apit)al(i) a(uro) a(r)g(ento) a(ere) f(lando) f(ormando?) f(eriundo) v(iatores) q(ui) ei apparu(erunt)</p>	<p>CIL VI 1455 (EDR 100470) Incompleta, encontrada no Quirinal, e hoje desaparecida.</p> <p>L(ucio) M(ario) V(eg)[e]tino M(arciano) M(in)ic(iano) G(al)er(ia) M(yrtil)iano, c(larissimo) v(iro), [I]Ivir k(apitali) a(uro) a(ere) f(lando) f(ormando?) f(eriundo), 5 q(uaest)or(i) u(rb)ano), t(rib)u(n)o p(leb)is, p(raef)ecto f(rum)ent(i) d(andi) l(eg)at(ato) p(rovin)ciae B(ae)[t](icae), l(eg)at(ato) l(eg)at(ionis) XXII P(rimig)en[ic]iae, p(raet)or(i).</p>

Tabela 1

2 Bonneville 1982, p.19.

3 Em Turiasso, sob Augusto o nome *C. Marius Vegetus* aparece como *Ivir* numa moeda (Amela Valverde, 2016, p.70), mas é impossível estabelecer qualquer ligação entre o *duovir* e o nosso senador.

*Myrtilianus* e seu filho a posse de propriedades fundiárias na Bética, onde teriam sido produzidas ânforas, na região de Arva, salvaguardando o facto de a presença na Bética poder ser resultado do exercício das funções de legado nesta província<sup>4</sup>.

O uso de *cognomina* de origem geográfico-étnica parece ser comum na família de *L. Marius Vegetinus Myrtilianus*, pois o seu filho, *L. Marius Vegetinus Lucanus Tiberenus*, usa o cognome de *Lucanus*, que é uma forma muito comum e que tem por base uma origem étnica<sup>5</sup>. Kajanto, considera que *Tiberenus*, tanto pode ser entendido como uma formação a partir do *praenomen Tiberius*, a mais comum<sup>6</sup>, como pode ser considerado referente a uma região de Roma<sup>7</sup>.

Não temos, até agora na epigrafia de Mértola, nada que diretamente nos possa ligar a *L. Marius Vegetinus Marcianus Minicianus*, mas entre as elites de Mértola temos, sob Marco Aurélio, um *II vir* que usa o gentílico *Marcus* (IRCP 96) e mais tarde o gentílico *Marius/a* aparece como o nome da neta da flamínica *Memoria Chalquisia*<sup>8</sup>; *Minicius*, gentílico de grande prestígio na Hispânia do séc. II, e que está na origem do cognome *Minicianus*, também é conhecido numa inscrição funerária datada do séc III, de Mértola que não pudemos ligar sequer às elites locais da cidade<sup>9</sup>. Não é o ideal, mas é o que temos, e serve apenas para confirmar que estes nomes gentílicos não são estranhos ao tecido social da cidade.

A situação estratégica da cidade não pode ser menosprezada. Mértola foi, desde a Idade do Ferro, um importante porto fluvial de penetração

para o interior, e durante a Antiguidade Tardia um interessante centro comercial, e como tal se manteve. O crescimento económico das margens do Guadiana e regiões limítrofes deve ter-se acentuado no séc. II. As relações com o Mediterrâneo são comprovadas pelas abundantes informações arqueológicas que Mértola quotidianamente fornece. Quando no séc. VI chegaram a Mérida comerciantes vindos do oriente, que consigo trouxeram o futuro bispo *Fidelis*, sobrinho do bispo *Paulus*, foi certamente subindo o Guadiana que a viagem se efetuou, replicando o trajeto que desde há muito tornou Mértola 'o último porto do Mediterrâneo'. Ainda no séc. XIX Mértola era o caminho mais usado para quem, da costa sul de Portugal, se dirigia ao Baixo Alentejo.

O que hoje sabemos de *Lucius Marius Marcianus Minicianus Myrtilianus* e da sua mais que provável ligação a Mértola decorre dos trabalhos de Bonneville - e essa ligação é hoje geralmente admitida -, e a Leunissen<sup>10</sup> que estudou a carreira deste senador, e a quem devemos a definição do *terminus ante quem* da sua carreira que, alargando as propostas anteriores, coloca no ano de 260 d.C.

Fica por determinar quem foram os antepassados próximos de *Claudia Artemidora* e de seu marido. O pai de *Claudia Artemidora* devia chamar-se, de acordo com a tradição onomástica, *Claudius Artemidorus*, e o seu *praenomen*, muito provavelmente seria *Tiberius*, o mais frequentemente usado nesta *gens*, e que penso ver refletido no cognome de seu neto<sup>11</sup>; do pai de *Myrtilianus* apenas sabemos que se chamaria *Lucius Marius*, desconhecemos o seu cognome, mas podemos

4 Caballos Rufino 2001 p.81

5 Kajanto 1955, p.193.

6 Kajanto 1955, p.114; 175.

7 Kajanto 1955, p.184.

8 IRCP, pp. 443-445. Embora conservada em Montemor-o-Novo, esta inscrição foi trazida de Mértola.

9 IRCP, p. 118.

10 Leunissen 1987, p.272.

11 O cognome *Tiberenus*, aparece apenas registado nesta inscrição e não é possível verificar a sua correta leitura porque a lápide desapareceu; creio que este nome seria uma 'variante gráfica' do cognome *Tiberinus*, formado sobre o gentílico *Tiberius*, o mais usado na *gens Claudia*, fazendo eco da linhagem materna de *Marius Lucanus*.

arriscar o cognome *Vegetus* ou *Vegetinus*, que *Myrtilianus* também usa, e que passou a seu filho.

O esquema familiar de acordo com a epigrafia seria o que se segue (Tabela 2):

<i>L. Marius (Vegetinus?)</i> ---+---( ---?---)	<i>Tiberius Claudius Artemidorus</i> ---+---( ---?---)
<i>L. Marius Vegetinus Marcianus</i>	
<i>Minicianus Myrtilianus c.v.</i> -----+-----	<i>Claudia Artemidora c.f.</i>
<i>Maria Rufina c.p.</i> .....	<i>Lucius Marius Vegetinus Lucanus Tiberenus c. p.</i>

**Tabela 2**

Resta-nos identificar os nomes *Marius (Vegetinus?)* e *Tiberius Claudius Artemidorus* com os seus reais portadores.

No que respeita ao pai de *Claudia Artemidora* a proposta já tinha sido feita em 1936 por Groag<sup>12</sup>, ao considerar *Tiberius Claudius Artemidorus*, *consul suffectus* e procônsul da Ásia em data indeterminada. Esta hipótese, baseada principalmente na onomástica não é viável para M-T Raepsaet-Charlier<sup>13</sup>.

Ao referir-se a este assunto Leunissen (1987) diz <sup>14</sup>: “há alguns anos verificou-se, que este senador (*Tiberius Claudius Artemidorus*) era sobrinho da filha do primeiro cônsul de Éfeso, *Ti. Claudius Severus*, que só obtém este alto cargo na época dos Severos (provavelmente antes de 213). Para além da coincidência dos nomes das pessoas mencionadas, não temos mais nenhuma prova de uma relação de parentesco entre elas, pelo que qualquer especulação a este respeito - por muito tentadora que seja - deve ser evitada.”<sup>15</sup>

Em 2010, Danuta Okoń, a propósito do segundo casamento de Septímio Severo, traça o que seria a estratégia matrimonial dos senadores na viragem do séc. II para o III, a propósito da origem geográfica dos casais diz: “É necessário acentuar, uma vez mais, que independentemente das circunstân-

cias, os casamentos ‘inter-regionais’, garantidos pelas fontes históricas que possuímos, não eram numerosos. O número dos casamentos concluídos entre pessoas da mesma região (nomeada-

mente da mesma província ou da mesma cidade), era sete vezes maior. Esta desproporção não pode ser explicada por lacunas do nosso conhecimento. Devemos admitir que tais uniões entre representantes de diferentes regiões do Império eram efetivamente raras e realizadas principalmente pelas importantes vantagens políticas que traziam.”<sup>16</sup>

“Convém precisar que em 65 casamentos de senadores realizados na viragem do II para o III século, em que a origem territorial dos esposos é conhecida, 57 foram realizados entre pessoas provenientes da mesma região, da mesma província ou da mesma cidade, só 8 casamentos podem ser definidos como uniões inter-regionais. O pequeno número de uniões do segundo tipo, permite-nos qualificá-los de excecionais”<sup>17</sup>.

Apesar das observações de Leunissen no que respeita à não viabilidade da proposta tradicional referente ao pai de *Claudia Artemidora*, e das conclusões do seu próprio trabalho, Dutia Okoń admite a proposta tradicional de uma origem inter-regional em Éfeso. No entanto não deixa de comentar que esta relação a deixa pouco confortável, e expressa-o claramente: “É difícil perceber como este casamento, de um senador espanhol com uma habitante de Éfeso se reali-

12 PIR<sup>2</sup> 791.

13 Raepsaet-Charlier 1987, pp.206-207 n.º. 222.

14 Leunissen 1987, pp.273-274.

15 Agradeço à Dr<sup>a</sup> Fátima Romão a revisão da tradução deste artigo.

16 Okoń 2010, pp. 48, 52.

17 Okoń 2010, p.52

zou. *Marius* não prestou serviço no oriente, e os *Claudi Artemidori* não tinham propriedades na Hispânia, o que requer outras explicações possíveis, que incluem relações estabelecidas no senado ou viagens através do império”<sup>18</sup>.

O nome *Claudius* associado ao cognome grego *Artemidorus* aparece em várias épocas e em vários contextos, e não se limita à parte oriental do Império. Na Lusitânia, nomeadamente na sua capital, Mérida, existem três referências a este nome, que creio pertencerem ao mesmo indivíduo, trata-se de *Tiberius Claudius Artemidorus*, certamente figura destacada da hierarquia mitríaca, muito provavelmente *pat[er]*. O que venho propor é admitir que o pai de *Claudia Artemidora* seja este *Tiberius Claudius Artemidorus*; uma

outra inscrição, também proveniente de Mérida, associa-o a *Claudia Maria*, natural de *Pax Iulia*. Como penso que as três referências de Mérida reportam ao mesmo indivíduo acrescento a foto da única que ainda existe, e que foi atribuída erradamente a Itálica<sup>19</sup> (Tabela 3).

Feita a ligação entre o culto mitraico em Mérida<sup>20</sup> e a cidade de Beja, diz-nos que se tinha estabelecido uma ligação entre os *Claudii* de Mérida e os *Marii* de Beja; *Claudia Maria pacen[is]* é o testemunho dessa ligação, a referência *pacensis* distingue-a claramente dos *Marii* de Mérida.

A vantagem desta atribuição, além de atestar a ligação das duas *gens*, mantém esta ligação no âmbito local, tal como D. Okoń constatou que

<p>CIL II 464 (Mérida, Calle Ávalos, na base de uma estátua, desaparecida)          Caute  <i>Tib(erius) Cl(audius) Artemidoru[s]</i>  <i>pat[er]...</i></p>	<p>CIL II 517, CILAE, 312 (Mérida, local desconhecido, desaparecida)  <i>Claudia Maria Pac[e]n[is]</i>  <i>Tib(erius) Claud(ius) Artemidorus</i>          [.....]</p>
<p>EE-9, 61 (Mérida, conservada em Sevilha, em coleção particular)  <i>D(is) M(anibus)</i>  <i>Cl(audiae?) Artem[idor 3]</i>  <i>coniugi [incompa]</i>  <i>rabili c[3]</i>  <i>R[</i></p>	 <p>Fotografia da inscrição EE- 9, 61, para documentar o tipo de grafia.</p>

Tabela 3

18 Okoń 2010, p.52

19 CILA 2, tomo 2, nº542.

20 García y Bellido 1967, pp. 26-34. Já então pelos materiais publicados, era visível a grande importância e qualidade do espólio de Mérida, embora à época não tivessem sido encontrados vestígios claros do Mitreu.

acontece entre a maior parte de ligações matrimoniais, de famílias na viragem do século.

Para procurar os ascendentes de *Marius Myrtilianus* vejamos quem são os *Marii* de *Pax Iulia*: os cultuantes de divindades orientais são abundantes, na cidade<sup>21</sup>, incluindo nomeadamente um *sodalitium* de *Bracaraugustanus* que cultua [...] *Deo Invictus*<sup>22</sup>, além de *Serapis*, com ligação aos *Marii* da cidade, que ao que parece tinham uma *villa* em Cuba.

Vejamos quem eles são:

<p>CIL, II, 46 = CIL, II 5185 = IRCP, 231 Beja, na cidade.  <i>Serapi Pantheo</i>  <i>Sacrum</i>  <i>in honorem G(aii) Mari Prisciani</i>  <i>Stelina Prisca</i>  <i>mater filii</i>  <i>indulgentissimi</i>  <i>d(ecreto) d(ecurionum)</i></p>	<p>FE 673 = AE 2018, 769 = 2019, 614 Beja, freguesia de Cuba, Herdade de Pias  <i>Neritus Mariae</i>  <i>Prisca ser(vus) an(norum) XX</i>  <i>hic Romae decessi[t]</i>  <i>item Nereis sororan(norum) XXV hic sita est tu qui contendis</i>  <i>lasse viator te PROCOBVI</i></p>
---	--

Tabela 4

Em 2018, J. d'Encarnação e J. Feio publicaram uma inscrição encontrada numa propriedade rural romana em Cuba, que seria um domínio rural desta *gens* (Figura 1). A inscrição refere um *Nerius*, escravo de *Maria Prisca*, morto em Roma, e *Nereis* irmã do anterior, morta na atual Herdade de Pias, freguesia de Cuba, distrito de Beja, onde a inscrição foi encontrada. Esta *Maria Prisca* é certamente relacionada com *G. Marius Priscianus*, que conhecemos de inscrição funerária que, sob a invocação *Serapi Pantheo sacrum*, sua mãe lhe dedicou.

Uma outra inscrição, infelizmente muito fraturada, refere o *cursus honorum* de um *Marius* que,

como *Marius Myrtilianus*, também serviu na Germânia, e foi encontrada na cidade, quando em 1895 se destruiu o chamado Palácio dos Infantes, junto ao Mosteiro da Conceição<sup>23</sup> (Tabela 5).

O suporte está muito danificado pela reutilização a que foi submetido, devia ser mais alto, e falta-lhe a parte lateral direita, como bem visível na fotografia.

A recuperação segura da leitura da inscrição envolve necessariamente muitas suposições, IRCP 235, bem como todos os investigadores que se

lhe seguiram aceitam a reconstituição proposta embora com algumas dúvidas. A impecável *ordinatio* do texto que nos ficou, sugere uma paginação orientada pela linha mediana, ocupando todo o campo; a quinta e quarta linhas a contar do fim são de difícil resolução porque as letras que restam MIN[...] parecem um início de palavra, e pelo destaque que mostram deviam indicar um facto que justificasse a presença de uma homenagem pública ou semipública<sup>24</sup>, feita por um libertado e herdeiro, mas neste texto parece não haver lugar para a referência à autorização dos decurhões. É certo que também se faziam homenagens em propriedades privadas, que não necessitam da auto-

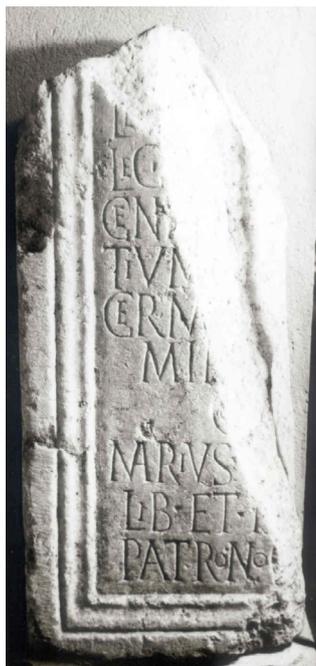
21 Alves-Dias, 1981, *passim*.

22 IRCP 339, [*M(itrae)?*] *Deo Invicto / sodalici(um) bracarorum stusudium sua in/pensa [sic] fecerunt cum / cratera ti[tulum] donavit Messius [...] Artemidorus magister*.

23 Viana 1945, p.177, que aqui reproduz o que saiu no jornal O Bejense de 7-12-1895.

24 Melchior-Gil 2016, pp. 205-208, que estuda a colocação das homenagens na Bética, admite que algumas inscrições honoríficas poderiam ser colocadas no átrio das residências urbanas dos homenageados.

Fotografia IRCP 235



Transcrição *apud* IRCP 235.

[...Mario.....]  
 [...] [trib(uno) mil(tum...)]  
 LE[g(ionis).....]  
 Leg(ionis) XXII primi  
 geni[ae praef(ectus) chor]  
 tium[ ..... in ]  
 Germ[aniae (?) .....]  
     min[.....]  
     Co[l(oniae) P(acis) I(ulia) [?]  
 Marius [ ..... ]  
 lib(ertus) et h(eres)  
 patrono o(ptimo)

Tabela 5

rização dos decuriões como acontece nas que são levantadas em local público; como parece não haver lugar para essa autorização no que resta do texto, é preferível considerá-la semipública. A reconstituição MIN(ister / CO[llegium ....] para o que resta da terceira e quarta linha a contar do fim do texto também era possível, e sabemos que a pertença a colégios mitríacos não era raro entre militares, mas dado o estado precário do texto uma tal proposta é quase tão arriscada como supor que esta lápide se refere ao próprio senador *Marius Myrtilianus*, mas creio ser aceitável atribuí-la a um seu antepassado.

Pelo contrário identificar *Tiberius Claudius Artemidorus*, dedicante no mitreu de Mérida, com o pai de *Claudia Artemidora*, parece eliminar as objeções dos que anteriormente puseram em causa a identificação de Groag, e que acima referimos.

Trata-se do um dos destacados cultuantes do Mitreu de Mérida, que erigiu uma estátua destinada de um *Caute* para o Mitreu, conhecida há muito, presentemente desaparecida<sup>25</sup>.



Figura 1

25 Já em 1967, A. Garcia y Bellido publicava os materiais mitríacos de Mérida, e era visível a grande importância e qualidade do espólio, embora à época não tenham sido encontrados vestígios claros do Mitreu.

## Bibliografia

- CIL II = HÜBNER, E. (1869, 1892 *supplementum*). Corpus Inscriptiones Latinarum, II, Deutsche Akademie der Wissenschaften su Berlin, Berlin.
- CILA = GONZÁLEZ, J. (1992-1996). Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía. II. Sevilla, IV vols., Sevilla.
- CIMRM = VERMASEREN, M. J. (1958 -1960). Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religionis Mithraicae, I e II, Den Haag.
- IRCP = D'ENCARNAÇÃO, J. (1984). Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra.
- PIR = GROAG, E., STEIN, A. (1933). Prosopographia Imperii Romani, Berlin-Leipzig.
- ALVES-DIAS, M. M. (1981). “Os cultos orientais em Pax Iulia, Lusitania”, *Memorias de Historia Antigua*, 5, 1980, pp.33-40.
- AMELA VALVERDE, L. (2016). “Turiaso: sus Monedas Augusteas y Tiberianas”, *Revista Numismatica Hecate*, 3, pp. 55-78.
- BONNEVILLE, J-N. (1982). “Remarques sur l’Indication de l’Origo par la Tribu et le Toponyme Après des Tria Nomina Sans Filiation”, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 18-1, pp. 5-32.
- CABALLOS RUFINO, A. (2001). “Los Recursos Económicos de los Notables de la Bética”, *Élites Hispaniques*, Milagros Navarro Caballero & Ségoulène Demougin, Paris – Bordeaux, pp. 69-87.
- ENCARNAÇÃO, J., FEIO, J. (2018). “Neritus Servus Romae Decessit”, *Ficheiro Epigráfico*, 178, nº673.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1967). Les Religions Orientales dans L’Espagne Romaine, E.P.R.O.E.R., Leiden.
- KAJANTO, I., (1965). *The Latin Cognomina*, Societas Scientiarum Fennica, Helsinki.
- LEUNISSEN, P. M. M. (1987). “Zur Laufbahn des Senators L. Marius Vegetinus Marcianus Minicianus Myrtilianus”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Bd, 68, pp. 263-267.
- MELCHOR GIL, E. (2006). “Solo publico - Solo suo: sobre la ubicación de los homenajes estatuarios en las ciudades de la Bética”, *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 17, 2006. pp. 201-211.
- OKOŃ, D., (2010). “Mariage de Septime Sévère avec Iulia Domna. Au Fond des Stratégies Matrimoniales des Familles Sénatoriales des Romains à la Charnière des IIeme et IIIeme siècles”, *Eos*, XCVII, p.45-62.
- RAEPSAET-CHARLIER, M-T. (1987). Prosopographie des Femmes de l’Orde Sénatorial (I-IIs), Louvain, Peeter.
- VIANA, A., (1945). “Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes, (continuação)”, *Arquivo de Beja*, II. fasc. I e II, p.177 [transcrito de o Bejense (7-12-1895)].